

REVISTAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS: BARREIRAS NA SUA PRODUÇÃO

Ida Regina Chitto STUMPF
UFRGS

E-mail: irstumpf@vortex.ufrgs.br

RESUMO

A pesquisa buscou identificar barreiras que interferem no sistema de produção das revistas editadas pelas universidades brasileiras. Utilizando como referencial o Modelo de Transferência de Informação Científica e Tecnológica através de documentos publicados, idealizado por King (1981), foram investigadas 54 revistas publicadas por doze universidades brasileiras. Constatou-se que existe no início e no final do processo, potencial humano para a geração e utilização do conhecimento veiculado por meio desses periódicos científicos. Entretanto, a falta de trabalhos submetidos e de equipes editoriais qualificadas, bem como a endogenia do processo de avaliação dos originais e a circulação restrita, são fatores que, dentre outros, comprometem a qualidade e a confiabilidade do conhecimento publicado.

Palavras-chave: Periódicos científicos; Política editorial; Publicação científica periódica brasileira.

1. INTRODUÇÃO

Mais por lei do que por tradição, cabe à Universidade brasileira desempenhar três funções básicas que devem ser exercidas harmonicamente pelas instituições de ensino superior: o ensino no mais alto grau, a pesquisa para gerar novos conhecimentos e a

extensão para levar o produto da ação acadêmica à sociedade. Se a Universidade se constitui, então, espaço institucional da pesquisa científica, função esta diretamente ligada à capacidade de gerar conhecimentos e formar pesquisadores, a divulgação, como etapa do processo de criação do conhecimento científico, também faz parte de suas atribuições.

Com o sentido de divulgar de forma sistemática os resultados da pesquisa, algumas universidades criam suas próprias revistas, passando a instituição com isso a desempenhar um importante papel no sistema de comunicação da ciência.

Comunicar a ciência é transferir os conhecimentos gerados pela investigação científica. É permitir que ocorra, segundo Aguiar (1981), um fluxo de idéias entre uma fonte geradora e um receptor, através de um canal. Entre os canais de comunicação da ciência, as publicações são as formas mais adequadas para tornar conhecidos os resultados da investigação científica. Isto é devido, principalmente, às propriedades de permanência dos registros gráficos e do alcance geográfico que podem atingir pela sua distribuição. É através das publicações que o conhecimento se torna passível de ser utilizado pela comunidade científica, servindo, ao mesmo tempo, para registrar e divulgar os resultados da pesquisa, impulsionando novas idéias e descobertas. Concebidas desta forma, as publicações são tanto insumo básico quanto produto final da atividade científica.

Entre os vários tipos de publicações, as revistas científicas, pelas suas características de síntese de conteúdo e facilidade de produção e distribuição, constituem-se no veículo mais utilizado para divulgar o saber produzido. Elas representam, de alguma forma, um processo de finalização da ciência. É quando a pesquisa se converte em produto científico, indicando que o processo chegou a um grau de maturidade que permite expressá-lo.

O conjunto de processos que reúne pessoas, atividades e canais com o objetivo comum de transmitir conhecimentos denominamos de sistema de transferência de informação científica.

Para serem veículos eficientes de transferência de informação, os periódicos ou revistas científicas precisam ser produzidos de forma a preservar os padrões estabelecidos pela ciência. Para isso, pessoas se reúnem desempenhando atividades, numa determinada ordem - o fluxo editorial. Este fluxo nem sempre é regular,

podendo surgir problemas em qualquer uma das etapas de produção que impedem a divulgação rápida, regular e precisa do conhecimento.

A **rapidez** faz com que as descobertas sejam colocadas à disposição da comunidade científica no menor espaço de tempo possível, possibilitando a circulação do conhecimento e servindo para embasar novas pesquisas. A rapidez na publicação move o progresso e propicia que seja assegurada a paternidade das descobertas. A **regularidade** com que uma revista é publicada faz com que a ciência seja constantemente atualizada com novos conhecimentos, além de dar credibilidade ao veículo junto à comunidade de usuários. A **precisão** do saber divulgado faz com que a revista se torne um canal confiável quanto ao conteúdo dos trabalhos que publica. Um periódico só adquire esta confiabilidade quando houver certeza de que os trabalhos passam por um rigoroso processo de avaliação antes de serem publicados.

Este trabalho teve como objetivo descrever o sistema de produção das revistas universitárias brasileiras, procurando identificar barreiras neste processo que comprometam a transferência de conhecimento. Para isso, utilizamos um modelo, tal como é descrito a seguir.

2. O MODELO

O modelo idealizado por King e outros (1981), apresentado no Anexo 1, forneceu uma direção para verificar de que forma se estrutura o sistema de produção das revistas universitárias. Este modelo representa a transferência de informação através de documentos publicados, oferecendo-se para isso como base para descrever o sistema proposto. Ele representa uma espiral que inclui, de forma conjunta, os participantes e as funções essenciais para completar a transferência de informações, permitindo também identificar a localização de obstáculos que dificultam ou impedem que o conhecimento seja transferido.

A utilização deste modelo permitiu também uma representação sistêmica onde as partes, ao mesmo tempo que indepen-

dentese interrelacionam, possibilitando prever a otimização de suas entradas - conhecimento gerado - e de suas saídas - conhecimento utilizado. Outra de suas propriedades é poder desdobrar cada participante e cada núcleo de funções em tantos elementos e atividades quantas forem necessárias para o objetivo do trabalho que se pretende realizar.

O Modelo de King - como denominado - pode então ser lido de duas maneiras: através dos participantes e através das funções.

Os participantes são identificados como:

- a) os cientistas e pesquisadores, no papel de autores que geram conhecimento científico e técnico;
- b) os publicadores, no caso as instituições e as pessoas responsáveis pela edição e publicação das revistas (editor, comissão editorial, consultores e equipe editorial);
- c) as bibliotecas e os serviços bibliográficos de índices e resumos que adquirem, armazenam e organizam as revistas e seu conteúdo, propiciando também o acesso físico a elas;
- d) os usuários que concluem o processo, utilizando e assimilando o conhecimento como insumo para novos trabalhos.

Interpretando o modelo de acordo com as funções desempenhadas, estas podem ser assim apresentadas:

- a) geração de pesquisa e informação;
- b) elaboração de originais;
- c) edição dos trabalhos;
- d) reprodução;
- e) distribuição;
- f) aquisição e armazenagem;
- g) organização e controle;
- h) identificação e localização;
- i) acesso físico;
- j) assimilação pelo usuário.

A complexidade do Modelo de King, impossibilita sua abordagem completa numa só pesquisa. Por esta razão, um recorte se impôs para que pudesse ser feito um aprofundamento em algumas de suas etapas. A escolha recaiu sobre as funções que dizem respeito à edição, reprodução e distribuição das revistas universitárias porque são nestas etapas que se fazem a avaliação dos trabalhos e sua formalização através da produção editorial, tornando o conhecimento confiável e passível de ser distribuído e utilizado por um grande público. Constituem-se, assim, nas etapas fundamentais para o estabelecimento do processo de transferência de informação, o que parece justificar a escolha.

Contudo, as demais atividades do processo não puderam ser ignoradas. Por isso, de alguma forma elas foram objeto de abordagem. Mesmo porque, as interfaces do sistema se interrelacionam para que as publicações completem seu ciclo de transferência do conhecimento registrado.

3. METODOLOGIA

O estudo caracterizou-se como descritivo interpretativo. Sua realização exigiu primeiramente a identificação das revistas científicas produzidas pelas universidades brasileiras. Através do **Guia de Publicações Seriadas Brasileiras**, publicado pelo IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - , em 1987, foram identificadas 275 revistas publicadas por 50 universidades.

A fonte de identificação das revistas, quando confrontadas com a situação real, apresentou certas imprecisões, especialmente relativas à não inclusão de universidades publicadoras e/ou títulos de revistas na sua relação.

Na impossibilidade de consultar todas as universidades, quer pela dispersão geográfica, quer pelo volume de dados, optou-se pelo estabelecimento de um corpus de pesquisa que contemplasse os critérios de tipos de universidades e conveniência. O primeiro permitiu incluir universidades públicas (federais e estaduais) e particulares e o segundo a sua localização em regiões do país de mais fácil acesso ao pesquisador.

O corpus ficou constituído por doze universidades, situadas nas regiões central, sudeste e sul do país, e por 54 revistas, assim distribuídas:

USP (9 revistas)	UFRGS (5 revistas)
UNICAMP (5 revistas)	FURG (5 revistas)
UNB (2 revistas)	PUC/SP (3 revistas)
UFRJ (3 revistas)	PUCAMP (4 revistas)
UFPR (4 revistas)	PUC/RS (7 revistas)
UFSC (4 revistas)	UNISINOS (3 revistas)

Os dados foram coletados através de uma entrevista com os editores, além de incluir também dados secundários obtidos junto às universidades.

4. RESULTADOS

Os resultados alcançados pela pesquisa foram descritos de acordo com o fluxo do Modelo, sendo sua leitura apresentada de forma conjunta, reunindo os participantes e as funções que desempenham.

Em relação aos autores potenciais, os resultados revelaram que as doze universidades estudadas possuem juntas 23.733 professores. Quanto à titulação, embora a situação não seja homogênea entre as instituições de ensino superior, em termos globais 37% deles são doutores e 29% mestres, o que os habilita formalmente à realização de pesquisa científica. Além disso, 60% dos docentes trabalham em regime de tempo integral e/ou dedicação exclusiva. Mesmo sem relacionar esses números às áreas de especialização das revistas, os dados obtidos indicam que, potencialmente, as universidades possuem docentes titulados e com tempo dedicado à pesquisa, aptos a suprir periodicamente as revistas com os resultados das pesquisas. Isto significa que os editores não precisariam queixar-se da falta de artigos como o fizeram nas entrevistas.

O número de trabalhos submetidos à avaliação evidencia outro dado significativo, indicando que as revistas universitárias

estudadas recebem, em geral, um pequeno número de originais para publicação. Este número está entre 10 a 20 trabalhos anuais em 46,3% dos casos e de 21 a 40 artigos em 33,3% das revistas. Com isso, pressupõe-se que a avaliação não possa ser muito rigorosa, caso contrário não haveria trabalhos para serem publicados. Mesmo assim, os índices de rejeição revelaram que 51,9% das revistas estudadas rejeitam entre 1 a 15 trabalhos por ano e 42,6% delas descartam entre 16 a 30 trabalhos recebidos.

Em relação aos publicadores, no caso as universidades, suas funções são exercidas por uma estrutura editorial formada por editores, uma comissão editorial e consultores (*referees*).

Os editores são os participantes-chaves para a produção das revistas universitárias brasileiras. Apesar de altamente titulados e de já terem atingido alto grau na carreira docente, a grande maioria têm pouca experiência pois 63% deles estão a menos de três anos na função. Isto não os impede de realizar um variado número de atividades para os quais não foram preparados e que exigem um tempo muito grande para sua execução, afastando-os do trabalho de docência e da pesquisa. Entre estes trabalhos destacamos os administrativos, os de preparo técnico das revistas, a revisão lingüística e de provas, a solicitação de trabalhos, as providências junto às gráficas, o acompanhamento da impressão, a promoção do periódico, a distribuição, o controle das assinaturas e a negociação de verbas. A recompensa para tudo isto é apenas a satisfação pessoal e o reconhecimento dentro ou fora da instituição, mas nunca financeiro.

É preciso salientar que em 16,7% dos casos, o editor toma todas as decisões científicas e administrativas sozinho, sendo auxiliado apenas por um grupo de consultores estáveis ou eventuais para a avaliação dos trabalhos. Nesses casos não há uma equipe editorial, como é desejável, e sim uma pessoa que individualmente publica a revista.

A comissão editorial, no entanto, existe na grande maioria dos casos e é prioritariamente composta por professores da própria unidade universitária, fazendo com que a comunicação entre seus membros ocorra com maior facilidade. Muitas vezes esta comissão inclui especialistas brasileiros ou mesmo estrangeiros, visando apenas dar maior prestígio à revista. Tal composição não se mostra

produtiva, uma vez que a consulta a esses membros é dificultada pela distância.

A essa comissão cabe assessorar o editor na política da revista, na escolha dos árbitros e na seleção final dos trabalhos a serem publicados, além de preocupar-se com o orçamento, os custos, os aspectos gráficos e de apresentação da revista. No entanto, foi encontrado um número significativo de comissões que realizam tarefas não pertinentes às suas funções, como avaliação dos trabalhos, revisão lingüística e de prova, normalização, promoção etc. revelando a falta de uma equipe multidisciplinar e especializada para atuar nas revistas universitárias brasileiras.

Um dos fatores positivos encontrados pela pesquisa foi a constatação de que todas elas realizam a avaliação dos originais antes da sua publicação. Esta tarefa é realizada por pessoas que opinam sobre o trabalho, a fim de conferir legitimidade à revista. O processo, contudo, nem sempre é realizado da melhor forma.

Comumente são utilizados dois consultores ou árbitros (*referees*) para dar parecer sobre os trabalhos submetidos. Porém, 24,1% dos periódicos utilizam apenas um parecerista, o que pode significar um risco para a qualidade científica da revista. Isto é especialmente significativo quando constatamos que 59,2% deles são membros da própria comissão editorial, 51,8% são professores da própria unidade e 22,2% da mesma universidade (indicações não excludentes).

O tempo gasto para a produção das revistas foi outro fator encontrado que representa um entrave para a circulação do conhecimento. O trabalho de produção das revistas foi dividido em seis etapas, sendo encontrados os seguintes tempos médios de produção:

Fase 1 - Recebimento (inclui o registro do trabalho, exame prévio e escolha dos consultores): 4 semanas

Fase 2 - Avaliação (devolução dos pareceres, com aceitação; se ocorrer uma necessidade de reformulação no texto original e este for devolvido a seu autor para correções, o tempo será ainda maior): 5 semanas

- Fase 3 - Preparação Técnica (preparo dos originais para impressão): 4 semanas
- Fase 4 - Revisão de Provas (revisão das provas da impressora/gráfica): 3 semanas
- Fase 5 - Impressão (impressão do fascículo, capa e montagem): 5 semanas
- Fase 6 - Distribuição (preparo para postagem): 4 semanas

Com os dados obtidos podemos afirmar que as revistas semestrais - que são a maioria (50%) - demorariam, em média, seis meses para serem produzidas, ocupando grande parte do tempo de seus editores. No entanto, sua produção pode demorar muito mais, podendo atingir um tempo maior que um ano (16 meses) segundo as informações obtidas. Com isso torna-se difícil manter a periodicidade.

Em relação à distribuição, os resultados indicam que as revistas universitárias brasileiras são mais produtos de doação ou troca do que de compra avulsa ou por assinaturas pagas. Assim, as unidades tem que providenciar recursos através de outras fontes, uma vez que o número de subscrições é muito reduzido, fazendo com que as revistas não possam se sustentar. Além disso, o número de exemplares publicados por fascículo é pequeno, sendo que apenas 22,2% das revistas fazem tiragem superior a 1000 exemplares, com o agravante de que parte deles fica retido na sede por falta de verbas para correio.

Uma das causas da falta de aquisições pagas pode estar na ausência de promoção das revistas. As poucas técnicas utilizadas para tal são muito simples, reduzindo-se à demonstração e venda de alguns fascículos nos eventos da área. A baixa qualidade dos artigos e a ausência de uma periodicidade regular são outros fatores que dificultam a aquisição por compra destas revistas.

Isto se reflete também em relação aos serviços bibliográficos. Pela falta de qualidade e de conhecimento das revistas, poucas são indexadas pelos serviços bibliográficos internacionais. A ausência de serviços brasileiros de indexação agrava esta situação fazendo com que as revistas não tenham veículos de disseminação.

Os usuários da informação se constituem no último grupo de componentes para que as revistas completem o ciclo de transferência de conhecimento. Neste sentido, foram utilizados os dados sobre o potencial existente no meio universitário, em relação às instituições universitárias estudadas. As doze universidades possuem, juntas, 198.609 alunos de graduação e 38.507 de pós-graduação. Estes números por si só seriam suficientes para indicar um mercado consumidor bastante significativo, mesmo sem relacioná-los com as áreas de especialização. Porém, o público-alvo é mais amplo, constituindo-se também de professores universitários, pesquisadores e profissionais. Se este potencial fosse ampliado para todas as universidades brasileiras, podemos pressupor uma população ainda mais significativa.

5. CONCLUSÕES

A pesquisa realizada permitiu obter uma visão bastante apurada da produção das revistas universitárias brasileiras.

De uma maneira geral pode-se afirmar que grande parte dessas revistas apresenta muitas falhas na sua produção. Aparentam-se para a necessidade de reforçar maior certeza quanto à confiabilidade do conhecimento divulgado (avaliação), maior rapidez no processo de produção e maior regularidade no abastecimento dos resultados da pesquisa para a comunidade científica.

A identificação de disfunções foram percebidas no fluxo editorial e constituem-se em barreiras que interferem na transferência de informação. De acordo com o modelo adotado, percebe-se, também, que todas as etapas deste processo apresentam problemas que dizem respeito tanto ao desempenho dos participantes quanto às atividades que realizam.

Foram constatados empecilhos nas etapas de geração do conhecimento, avaliação dos originais, produção das revistas, distribuição, representação através de serviços bibliográficos e da utilização do saber veiculado.

Na geração de conhecimentos constata-se que a escassez de trabalhos para publicar não se deve à falta de autores em potencial,

dado o grande número de professores/pesquisadores com titulação de mestrado e doutorado que trabalham em regime de dedicação exclusiva nas universidades.

Na avaliação dos originais verifica-se que um círculo vicioso se estabelece em decorrência do escasso número de artigos: com poucos trabalhos a seleção é menos rigorosa sendo preferível aos editores obter a legitimação do seu próprio ambiente do que expô-los à avaliação externa. A confiabilidade fica então comprometida, sendo também incapaz de motivar autores mais exigentes para divulgar seus trabalhos. Isto confirma o que Castro (1986) quis dizer ao afirmar que há pouco controle de qualidade dos artigos publicados pelas revistas nacionais.

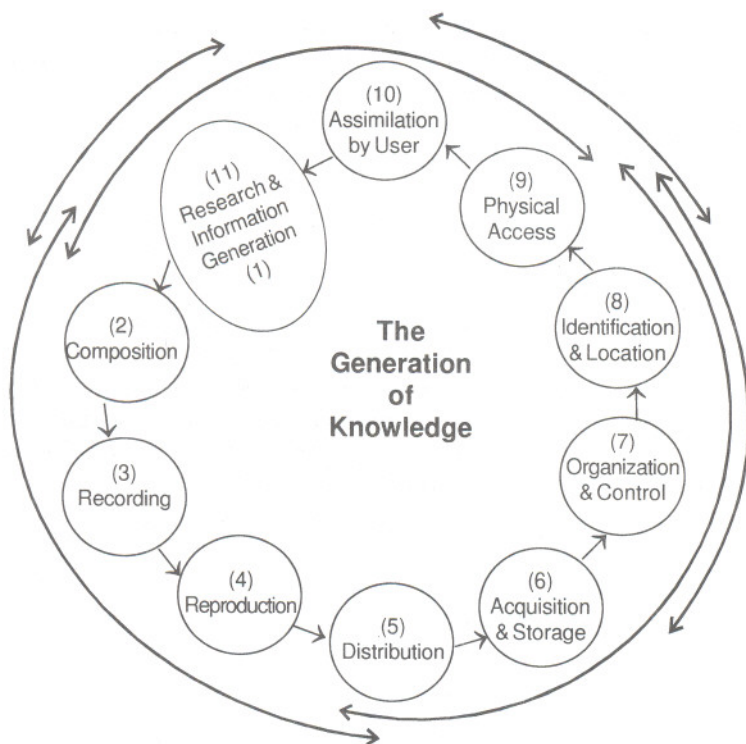
Na produção das revistas foi constatada a ausência de uma equipe editorial especializada, principalmente no que tange à realização de tarefas técnicas de editoração, normalização, revisão lingüística e de prova, e programação visual. Isto acarreta um significativo aumento de atividades ao editor e à comissão editorial que acabam realizando tudo amadoristicamente.

A distribuição, em qualquer das suas formas - doação, permuta e assinaturas pagas - é outro ponto crítico do processo de produção das revistas universitárias. A falta de promoção e a circulação restrita são barreiras que dificultam a divulgação do conhecimento. Com isso, as revistas acabam sendo doadas e/ou permutadas mas sem verbas para serem editadas.

Quanto ao desempenho das funções bibliográficas, além das revistas necessitarem de maior regularidade na sua produção, a observância de normas documentárias se torna imprescindível para serem adquiridas pelas bibliotecas e representadas pelos serviços de indexação e resumo.

Finalmente, o estudo das revistas universitárias brasileiras permitiu dimensionar um mercado potencialmente amplo para absorver e utilizar o conhecimento por elas veiculado. Se tal não ocorre, é porque, em geral, elas não divulgam trabalhos capazes de atrair um público consumidor exigente. Com isso, o conhecimento nelas registrado fica sem utilização, não abastecendo o ensino e não motivando novas pesquisas.

ANEXO 1: Modelo de Transferência de Informação Científica e Tecnológica



FONTE: KING, D. W. et alii. *Scientific Journals in the United States: their production, use and economics*. Stroudsburg, Penn., Hutchinson Ross, 1981.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Afrânio. Transferência de Informação. In: SEMINÁRIO SOBRE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS, 4., Brasília, 1981. **Anais...** Brasília, Senado Federal, 1981. p.33-41.
- CASTRO, Cláudio Moura. Há produção científica no Brasil? In: **Pesquisa Universitária em Questão**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. p.190-224.
- KING, D. W. et al. **Scientific Journals in the United States: their production, use and economics**. Stroudsburg, Penn: Hutchinson Ross, 1981.
- STUMPF, Ida Regina Chitto. **Revistas Universitárias: projetos inacabados**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1994. (Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes).

ABSTRACT

This research aimed to identify the barriers that interfere with the production of those journals edited by Brazilian universities. The model of scientific and technological information transfer through published documents (King, 1981) was used [in the analysis of] 54 journals, published by 12 universities were investigated. It was found that, in the beginning and at the end of the process, there is human potential for the generation and utilization of the knowledge distributed by such journals. However, the lack of papers submitted and qualified editorial teams, as well as the endogeneity in the evaluation process, and the limited circulation of those works, are some of the facts that compromise the quality and the level of trust deposited in these published material.

Key words: Journal Editorial Policies; scientific journals; Publishing policies; scientific editing.